

"Esta humilde e fraca pena" registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949)

"This humble and weak pen" records the tradition of the love letters
of the couple N and Z (1949)

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25536>

Valéria Severina Gomes

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pesquisadora do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB) e do Laboratório de Edição de Documentos de Pernambuco (LEDOC), com ênfase em pesquisas baseadas no modelo das Tradições Discursivas (TD).

E-mail: lelavsg@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4331-7775>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as tradições discursivas identificadas em vinte cartas de amor trocadas por um casal pernambucano na primeira metade do século XX. A abordagem das tradições discursivas é feita de acordo com as noções de proximidade comunicativa (KOCH; ÖESTERREICHER, 2007, 2013) e com a proposta de Longhin (2014), em que são abordadas as dimensões da tradicionalidade temática, composicional e dos modos de dizer. Os estudos realizados por Koch (1997), Kabatek (2006, 2012), Andrade e Gomes (2018), Rumeu (2013) e Gomes e Lopes (2014a, 2016) complementam a base teórica. Os resultados dessa análise, ainda que em caráter de amostra, revelam que as tradicionalidades temática, composicional e dos modos de dizer evidenciam as especificidades do propósito comunicativo da carta de amor.

Palavras-chave: Carta de amor. Tradição discursiva. Temática. Composicionalidade. Modos de dizer.

ABSTRACT

This paper aims to analyze discursive traditions identified in twenty love letters exchanged by a couple in Pernambuco in the first half of the 20th century. The approach of the discursive traditions is made according to the notions of communicative proximity (KOCH; ÖESTERREICHER, 2007, 2013) and with the proposal of Longhin (2014), in which are approached the dimensions of the thematic traditionality, compositional and the way of the to say. The studies carried by Kabatek (2006, 2012), Andrade and Gomes (2018), Rumeu (2013) and Gomes and Lopes (2014a, 2016) complement the theoretical basis. The results of this analysis, although in a sample character, reveal that the thematic, compositional traditionalities and the way of the to say evidence the especificities of the communicative purpose of the love letter.

Keywords: Love letter. Discursive tradition. Thematic. Compositionality. Ways of the to say.

Introdução

Gostaria de iniciar este trabalho fazendo um agradecimento especialíssimo à professora e amiga Célia Regina dos Santos Lopes por me conduzir pelas mal traçadas linhas da pesquisa com cartas pessoais. Tudo começou com o meu estágio de pós-doutoramento, supervisionado por Célia Lopes, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2014. Cheguei ao Departamento de Letras Vernáculas muito tranquila, com um *corpus* definido. Para minha tristeza, minha supervisora considerou o material insuficiente para a análise das formas de tratamento dos paradigmas *tu-você*. Então, voltei a Pernambuco com a incumbência de ampliar o *corpus*. Se por um lado, essa notícia foi desalentadora, por outro, me fez descobrir um tesouro contendo 51 cartas de amor do casal N e Z¹, escritas nos anos de 1949 e 1950, cuja amostra de 20 cartas será analisada neste artigo. Com essa breve contextualização, quero registrar o meu agradecimento pelo conhecimento compartilhado, pela generosidade de Célia e pelo acolhimento dos pesquisadores do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ.

Da pesquisa desenvolvida no pós-doutorado, resultaram dois artigos publicados em coautoria com Célia Lopes (GOMES; LOPES, 2014a, 2016), abordando a variação entre os paradigmas *tu-você* em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. A partir dos estudos acerca das dimensões tradicionais da carta pessoal, foi constatado que nesse gênero há especificidades funcionais responsáveis pela diferenciação de cartas trocadas entre familiares, de cartas enviadas de um amigo a outro, como também das cartas de amor remetidas e recebidas por missivistas apaixonados. Cada um desses subgêneros realiza propósitos comunicativos distintos e revela especificidades em seus elementos constitutivos. Com base em pesquisas prévias, como os estudos de Silva, J. (2002), que analisou o funcionamento sociocomunicativo das cartas pessoais, e de Souza (2012), que propôs subcategorias ao gênero, Silva, A. e Gomes (2017) analisaram cartas pernambucanas, buscando identificar os elementos constitutivos que especificam e caracterizam dois dos principais subgêneros da carta pessoal: a carta de amigo e a carta de família.

¹Agradeço ao casal N (a noiva) e Z (o noivo) e a seus familiares a cedência das cartas, com o termo de autorização assinado para fins de pesquisa e publicação. Em breve, o livro prometido sairá. Por se tratar de missivistas vivos, serão omitidos os seus nomes e das demais pessoas mencionadas no corpo das cartas.

Seguindo a trilha dos trabalhos anteriores, o presente artigo trata especificamente de vinte cartas de amor trocadas pelo casal N (a noiva) e Z² (o noivo), dez de cada um dos missivistas. O *corpus* contém 6.352 palavras, dispostas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Corpus da pesquisa³.

Cartas de N para Z	Cartas de Z para N
Carta 1 NJ - 21-05-1949 - 271 palavras	Carta 1 - JN - - 04-1949 - 261 palavras
Carta 2 NJ - 04-07-1949 - 327 palavras	Carta 2 - JN - 02-05-1949 - 216 palavras
Carta 3 NJ-22-07-1949 - 276 palavras	Carta 3 - JN - 11-06-1949 - 373 palavras
Carta 4 NJ-02-08-1949 - 279 palavras	Carta 4 - JN - 17-07-1949 - 444 palavras
Carta 5 NJ- 09-08-1949 - 182 palavras	Carta 5 - JN - 27-07-1949 - 241 palavras
Carta 6 NJ- 02-09-1949 - 334 palavras	Carta 6 - JN - 06-08-1949 - 410 palavras
Carta 7 NJ- 13-09-1949 - 231 palavras	Carta 7 - JN - 07-08-1949 - 470 palavras
Carta 8 NJ - 29-09-1949 - 227 palavras	Carta 8 - JN - 19-08-1949 - 473 palavras
Carta 9 NJ- 20-10-1949 - 250 palavras	Carta 9 - JN - 27-08-1949 - 355 palavras
Carta 10 NJ -18-11-1949 - 293 palavras	Carta 10 - JN - 05-10-1949 - 439 palavras
Total de palavras = 2.670 palavras	Total de palavras = 3.682 palavras

Fonte: Quadro síntese produzido pela autora.

Pelo número de palavras, percebe-se que eram cartas curtas e que o volume do *narratio* era maior nos textos de Z para N. De acordo com Kabatek (2012, p. 586), “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições”. Partindo dessa afirmação, a questão que norteia esta análise é: que tradições discursivas podem ser evidenciadas nas dimensões composicional, temática e dos modos de dizer nas cartas de amor do casal N e Z?

Dessa forma, esta pesquisa tem o objetivo de abordar o conceito de tradição discursiva nas dimensões composicional, temática e dos modos de dizer, estabelecendo a articulação dessas dimensões com o propósito comunicativo e com a relação de proximidade comunicativa dos interlocutores nas cartas de amor pernambucanas da primeira metade do século XX. Por meio da observação das tradições discursivas nessas cartas de amor, o intuito é verificar quais marcas recorrentes são evocadas em função das relações entre os autores e o subgênero. Para sistematizar a discussão, são adotados os procedimentos propostos por Longhin (2014) ao analisar as tradições discursivas sob a perspectiva da temática, da composicionalidade e dos modos de dizer. As três dimensões baseiam-se no conceito de tradição discursiva (TD), que consiste na “repetição de um texto ou de uma forma

²Foram mantidas as duas formas como o remetente masculino aparece mencionado nas cartas: J é o prenome e Z é a forma carinhosa como a noiva se refere a ele.

³As cartas estão disponíveis no banco de dados do Laboratório de Edição e Documentação linguística de Pernambuco (LEDOC). Disponível em: <http://www.ledoc.com.br>

textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio” (KABATEK, 2006, p. 7).

Nessa perspectiva, o modelo de TD “revela recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na construção de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição” (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30). Gomes e Lopes (2014a, p. 23) afirmam que a relevância do paradigma das TD para a análise dos dados resulta de que “no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, percebermos uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionadas em determinado gênero particular”.

O artigo está estruturado em seis seções, além desta introdução. Na seção 1, será apresentado o perfil sociocultural do casal pernambucano para contextualizar a representação do *corpus*. Na seção 2, encontra-se a abordagem da dimensão composicional da carta de amor, com ênfase na recorrência de modos de dizer na abertura e no fechamento da macroestrutura desse subgênero. Na seção 3, discute-se a dimensão temática, buscando evidenciar a recorrência de temas e os modos de dizer que compõem o *narratio* das cartas de amor. Na seção 4, são analisados os modos de dizer referentes às formas de tratamento por meio do emprego do *você* e do *tu*. Na sequência, encontram-se algumas considerações finais sobre os dados apresentados e as referências bibliográficas utilizadas.

1. O perfil do casal apaixonado: “Querida N” e “Querido Z”

Neste tópico, o perfil do casal apaixonado foi traçado com base no conteúdo das cartas e na entrevista sociolinguística realizada com N(a noiva) e Z(o noivo) no dia 26 de setembro de 2014, com duração de 54 minutos. Nessa entrevista, o casal responde questões sobre o local e a data de nascimento, a constituição familiar, o início do romance, a escolaridade, a prática de escrever as cartas *etc.* A amostra analisada é constituída de 20 cartas de amor trocadas pelo casal N e Z, durante o período de namoro e noivado, quando N morava em Goiana, cidade da Região Metropolitana de Recife, e Z morava e trabalhava em Campo Grande, bairro do Recife, no ano de 1949. Nesse período, N tinha 14 anos e Z tinha 19. Esse dado, do ponto de vista sociolinguístico, evidencia que as cartas são elaboradas com o repertório linguístico-discursivo de dois jovens da primeira metade do século XX.

Esse casal tem a particularidade de ser formado por um primo e uma prima. Eles tinham contato esporádico na casa de um tio e, nessa ocasião, Z era noivo de outra moça. Após o término do noivado, em um ano, ele iniciou o namoro com N, noivou e casou. Quando Z precisou mudar-se para Recife a trabalho, perguntou a N se eles poderiam se corresponder por cartas: “Se eu escrever pra tu, tu responde minhas carta?” (entrevista). N pediu autorização à mãe para receber e enviar cartas para Z. A mãe de N não se opôs, fazia gosto que a filha casasse com Z, pois o considerava um bom partido, por

ser honesto e trabalhador. A narrativa de N, por meio da qual é traçado o perfil do casal, merece uma pausa para destacar uma prática situada sociocultural e historicamente e que ficou no passado: o pedido de autorização para a troca de correspondência amorosa. Percebe-se, então, nesse contexto de produção, uma condição para a livre circulação desse subgênero da carta pessoal: o consentimento da mãe. De outro modo, como retratam tantos romances proibidos, essa tradição missivista circularia à surdina, algumas vezes com a conivência de intermediários, mas este não foi o caso de N e Z.

Durante a fase de namoro e noivado, o casal se encontrava pessoalmente a cada dois meses ou três meses, quando Z ia visitar a mãe, a tia e a prima (noiva). Nesses intervalos, as cartas de amor exercem a sua função de encurtar a distância, o tempo e a saudade: “A ver tua partida meu coração em tristeza eu não podendo mais suportar aquela ausência que ia me trazer tantas saudades” (Carta 2 NJ - 04-07-1949). E assim “carta ia e carta vinha”, como explicou N na entrevista. Depois de casados, pararam a troca de correspondências, Z guardou as cartas que recebeu de N e depois as entregou para N guardá-las. Quando questionados se atualmente há a continuidade da escrita de cartas, eles disseram que não, porque estão juntos e porque hoje o computador substitui a carta.

O noivo, J R B, carinhosamente chamado de Z por sua noiva, nasceu no distrito de Goianinha, atualmente a cidade de Condado, localizada na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, no dia 19 de março de 1930. Os pais dele nasceram em engenhos e ele passou a infância nesses espaços. Quanto à escolaridade, Z responde que: “terminou o primário e muito mal com 15 anos” (entrevista). Ele começou a trabalhar cedo e exerceu diferentes funções: encanador, motorista de caminhão, vendedor de sapatos, fabricante de sapatos, comerciante de sapatos e de móveis. Quando questionado se aprendeu a escrever carta na escola, ele disse que não e que: “a escola ensinava lição de Língua Portuguesa e História do Brasil” (entrevista). Sua prática de leitura restringe-se à Bíblia. Sobre a prática de escrever e ler as cartas de amor, Z disse que era muito jovem, que sentia um amor doentio: “eu ia ler e reler, ler e reler” (entrevista) e pedia a ajuda de um colega para escrever umas palavras de amor.

A noiva N S B nasceu no dia 05 de fevereiro de 1935, em Recife, mas se estabeleceu na cidade de Goiana, na Região Metropolitana de Recife, a partir de 1 ano e meio de idade. A volta para Goiana foi motivada pela separação dos seus pais. Ela, filha única, foi criada exclusivamente pela mãe e conheceu o pai aos 17 anos. Sua mãe não sabia ler nem escrever, mas trabalhava como operária em uma fábrica, e elas moravam na vila dessa fábrica. Morou nessa cidade até casar, aos 15 anos, quando voltou a morar em Recife e depois em Olinda, onde reside atualmente.

Com o ensino fundamental incompleto, ainda solteira, N trabalhou por pouco tempo em um laboratório. Após o casamento e o nascimento dos filhos, não mais exerceu atividade profissional. Ela cursou até o 5º ano do Ensino Fundamental, até os 13 anos. Estudava em uma escola particular, e não na escola da fábrica em que a mãe trabalhava. Na escola, não aprendeu a escrever cartas, mas lembra

de fazer muito ditado. Esse registro na fala de N remonta a uma orientação didática que, como se vê, não contemplava a produção de textos de diferentes esferas sociais e que circulassem socialmente.

Na entrevista, quando foi consultada sobre a prática de escrever as cartas, ela comentou que as redigia com muito medo e mostrou-se muito rigorosa na autocrítica: “Na minha carta não tinha nada, só tinha besteira” (entrevista). Apesar da autocensura, ela não tinha vergonha, porque tinha conhecimento de que o seu noivo “também não sabia escrever” (entrevista). Essa passagem revela bem claramente o sentimento de insegurança dos escreventes em virtude da baixa escolaridade nessa situação de prática escrita. Tanto nas cartas de N quanto nas de Z, encontram-se passagens em que eles se desculpam pelos “erros”: “Desculpe os erros e as letas” (Carta 03 NJ-22-07-1949); “Discupami as letras i os erros” (Carta 2 - JN - 02-05-1949). Por outro lado, o fato de haver intimidade, cooperação e aceitabilidade comunicativa entre os dois interlocutores, eles superavam os temores, as censuras e as cobranças pela escrita irretocável, por se tratar um contexto de interação espontânea, e isso fez fluir o essencial daquele ato comunicativo. Para N, a finalidade maior era: “dizer como o coração estava reagindo quando ele ia embora e ela chorava” (entrevista).

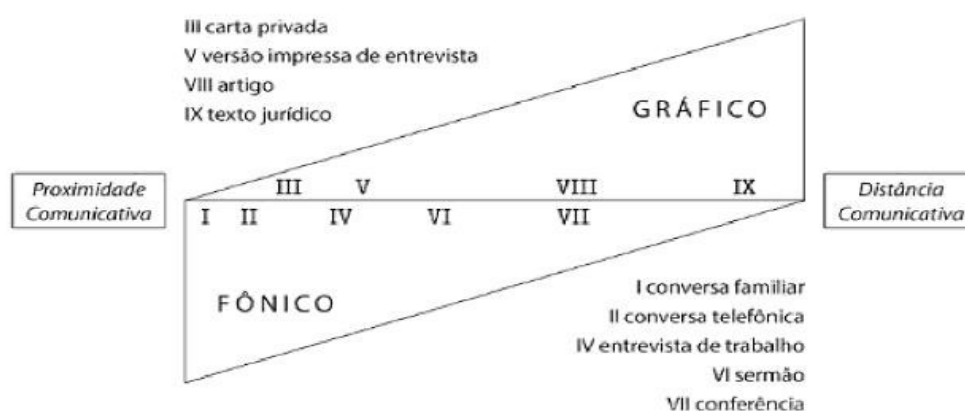
A entrevista e as cartas também revelam o contexto social do casal. Por um lado, N casou aos 15 anos e, a partir daí, dedicou-se exclusivamente aos cuidados do lar e da família. Uma menina, uma adolescente, cujo comportamento pueril era reconhecido por ela mesma, ao comentar que, nessa época, não sabia fazer nada (as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos recém-nascidos) e só fazia correr. Ele, por outro lado, órfão de pai, aos 16 anos, é obrigado a assumir a responsabilidade de cuidar da mãe e de 8 irmãos, tornando-se arrimo de família muito cedo. Nos dois casos, temos um amadurecimento precoce ainda na fase infanto-juvenil e uma responsabilização antecipada e naturalizada naquele contexto sócio-histórico.

O casamento precoce e a união matrimonial entre parentes mantêm similaridade com o contexto histórico da primeira metade do século XIX, a exemplo do casal carioca Christiano Benedicto Ottoni e Barbara Balbina Maia Ottoni de Araújo, também primos, que casaram em 30 de novembro de 1837, ele aos 26 e ela aos 15 anos (LOPES, 2005). Um fator diferencial de uma época a outra está no fato de que N e Z não registraram que havia necessidade de penitências para a realização do matrimônio entre parentes, como ocorreu com o casal Ottoni. Essa diferença pode ser explicada com base nas mudanças das práticas sociais de um século ao outro, como também pela orientação religiosa diferente dos dois casais. O casal N e Z, até a presente data, continua casado, são 69 anos de união. Tiveram oito filhos e oito filhas, como Z disse: “todo ano um doidinho” (entrevista). Fica nesta seção o registro de uma história construída inicialmente por meio das cartas de amor que aproximavam os apaixonados e que hoje nos apaixonam.

2. Uma conversa escrita: “...porque era mesmo que esta vendo-te”

As cartas pessoais, além de tradicionalidade e historicidade, possuem níveis comunicativos, sejam de proximidade ou de distância entre os/as missivistas por intermédio do tipo de relação estabelecida entre eles/elas: simétrica (entre casais; entre amigos); assimétrica (de pai para filho; de filha para mãe) (BROWN; GILMAN, 1960); e do repertório temático e linguístico-discursivo. Para Koch e Oesterreicher (2007), a *proximidade comunicativa* está mais próxima da fala, enquanto a *distância comunicativa* está mais próxima da escrita:

Figura 1 – Contínuo da proximidade à distância comunicativa.



Fonte: Longhin (2014, p. 51).

Como observado na figura 1, há dois parâmetros: o gráfico (letrado/escrito) e o fônico (oral/falado), que formam um contínuo⁴. As cartas de amor, como um subgênero da carta pessoal/particular (III), possuem mais traços de proximidade comunicativa, por estarem mais próximas do nível fônico (oral/falado). As condições comunicativas dessas missivas estão associadas a um maior grau paramétrico de proximidade comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2007; 2013) por meio da: familiaridade, expressividade, afetividade, intimidade, privacidade e uma elaboração morfossintática e lexical própria dos modos de interação representativos das condições de produção dessas cartas. Não é à toa que N sentisse a proximidade de Z, ao escrever e ler as correspondências, e declarasse essa sensação, em uma das cartas, da seguinte forma: “...porque era mesmo que esta vendo-te” (Carta 1 NJ 21-05-1949).

⁴ É importante comentar, mesmo não sendo o cerne no momento, que, de acordo com Coulmas (2014), com a escrita mediada por equipamentos digitais, a dependência da sociedade contemporânea para com a escrita é maior que nunca e que aspectos da fala conversacional se infiltram na escrita no nível da pragmática e da dinâmica conversacional, provocando uma embrincada relação entre os dois parâmetros, sugerindo uma reconfiguração desse contínuo.

Na entrevista concedida pelo casal N e Z, eles afirmaram que não aprenderam a redigir as cartas na escola. Não receberam qualquer orientação sobre a estrutura organizacional da carta ou sobre o preenchimento de um envelope. Não sabem explicar como desenvolveram essa competência de letramento. No entanto, apesar da pouca escolaridade, desempenham com total êxito essa prática, retomando, utilizando e mantendo os elementos constitutivos próprios da natureza dessa tradição discursiva, que, com as devidas atualizações, remontam a tempos passados, a exemplo das cartas de Lord Byron para Teresa de Guiccioli (século XIX) e de Eça de Queirós para Emília de Rezende (século XIX). Guardando as devidas especificidades de cada momento histórico e do estilo de cada um dos missivistas, as cartas de amor revelam motivações sentimentais similares e partes constitutivas que se repetem historicamente.

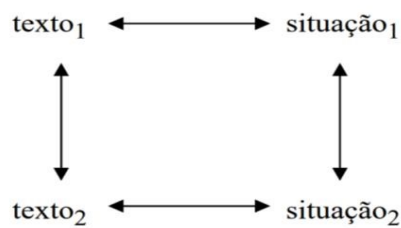
No que diz respeito ao casal N e Z, essa prática de letramento foi desencadeada pelo convívio sociocultural e pelo contato prévio com outras cartas que circulavam na comunidade, nas relações familiares e de amizade, mesmo que esses dois informantes não tenham feito esse registro. É possível também que um missivista se espelhasse e se apoiasse na escrita do outro para manter o estilo redacional que eles consideravam pertinente para compor a carta de amor, para manter a proximidade comunicativa, para construir a imagem de amantes fiéis e apaixonados, enfim, garantir a efetivação do propósito comunicativo. Funciona mais ou menos assim: se ele/ela faz, eu repito. Sendo assim, é comum a ocorrência de fraseologias ou unidades fraseológicas, ou seja, expressões linguísticas de uso frequente, em partes estratégicas da carta, tais como:

- (1) “N. e cum o maio prazer que **nestal [inint.]e fraca pena para dartir minhal Notícia** que estou Bem de saude graçal au nosso bom Deus.” (Carta 2 JN 02-05-1949)
- (2) “é nestal trade em que se mostral silencio e a trade vai fuginldo e as estrelas alegrimentel vão aparecendo tudo istol é alegria pra mim **quandol levo a mão a pena paral ti enviar-te está mal feital linhas** rogando a Deus ...” (Carta 3 NJ 22-07-1949)

Essa tradição de pegar a pena e enviar as mal traçadas linhas ocorre, linguisticamente expressa, sempre na captação da benevolência nas cartas analisadas. Em um estudo filológico e linguístico do período colonial, Ximenes (2013) registra as fraseologias jurídico-criminais em manuscritos da capitania do Ceará nos séculos XVIII e XIX, portanto um contexto formal, administrativo e burocrático. É interessante constatar a repetição de unidades fraseológicas, com uma finalidade específica, ocorrendo na composição de outra tradição discursiva, a carta de amor, inserida em outro ambiente social e em outro tempo. A carta de amor foi a tradição discursiva evocada pela situação de enlace sentimental do casal e da distância espacial que os separava. Portanto, uma situação que evocava

uma tradição, como demonstra o esquema abaixo, onde “o eixo horizontal representa a evocação e o eixo vertical a repetição” ao longo do tempo:

Figura 2 – Esquema de evocação e repetição.



Fonte: Kabatek (2006, p. 7).

Assim, pode-se afirmar que a carta de amor é uma TD e que possui elementos que se repetem historicamente em sua composição, ou seja, elementos que se repetem na microestrutura e na macroestrutura, como apresentado no quadro abaixo, na carta escrita por N para Z:

Quadro 2 – Elementos constitutivos da organização da carta de amor.

goiana 18 de Novembro de 1949	(Local e data)
Queridinho paz do Senhor	(Saudação)
Z. para mim é o dos momentol mas feliz da minha vida é em que pegol na minha fraca pena para responderl a tua cartinha ao ler ficei minto satislfeita em ver as tuas palavras tão amorosa.	(Captação de benevolência)
Recebi sua cartinha no dial 14 do corrente mes neste mesmo dial D. veio aqui em goiana ele mel disse que sabe que você veio aqui e dissel que sua mãe esta mal satisfeita coml você porque você veio aqui não foi larl sua mãe disse que aqui em goiana vocêl tem cogra e mãe ela disse que esta lhe esperando no dia 27 se prepara pra relcebermuinto carão D. disse quel [[que]] vai lhe escrever a carta parece quel não vai muintobôa eu estou ate coml medo de ir a condado com você eu nãol quero ver você levar carão parciso del mim mas é assim mesmo quem amal sempre sofre estas agonia é assim mesmol <vire> queridol[fol. r2] eu não pencei que sua mãe ficase com tantal ta raiva de você. Você disse que mamãel esta esquecida de você ela não esta nãol (não) ela manda a paz para você e eu mel esqueço de dar todas ela todos dias fala eml você Eu envio a paz as moças que sel lembrou de mim o trabalho do Senhorl estamuintoabençoado.l graças a Deus. Z. D.	(Núcleo da carta)

estal nanorando com uma moça daquil o nome dela é C. você conhece él aquela que quando agente vinha elal disse que a irmãe dela estava disviadal	
vou terminar para não te enfadall [espaço] Nada mas tua noiva quel tanto te estimall N.ll Mamãe manda a paz e v.l [espaço] e muintas lembranças	(Seção de despedida)
N.	(Assinatura)

Fonte: Quadro produzido pela autora com base na carta NJ 10 18-11-1949.

Essa forma constitutiva da carta de amor remete à organização da carta, conforme a Antiga Retórica greco-romana (PLETT, 2001 *apud* COSTA, A., 2012, p. 151), contendo as seguintes partes:

- a) *salutatio*: saudação
- b) *captatio benevolentiae*: captação da benevolência do interlocutor
- c) *narrativo*: informação sobre um estado de coisas
- d) *petitio*: pedido
- e) *peroratio*: conclusão

A estrutura organizacional da carta pessoal foi repassada historicamente contendo: *local e data*, de quem escreve a carta; a *saudação*, que se apresenta com o vocativo; a *captação de benevolência*, que é o contato inicial do escrevente para com o receptor; o *núcleo da carta*, é o motivo pelo qual foi escrito o texto, e onde há mais individualidade e autonomia por parte do escrevente; a *seção de despedida* é o desfecho da carta; por fim, a *assinatura* do missivista. Não necessariamente, todas as cartas seguem esses elementos constitutivos, podendo, assim, alguns desses elementos constitutivos estarem ausentes. A figura 3 exemplifica a tradicionalidade composicional mantida na carta de amor que N enviou para Z, cuja moldura é formada pela abertura (saudação) e pelo fechamento (conclusão e despedida), que marcam a proximidade comunicativa.

Saudação de N para Z:

- (1) “Querido Z a paz do Senhor” (Carta 5 NJ 09-08-1949)
- (2) “Querido Z paz senhor” (Carta 6 NJ 02-09-1949)
- (3) “Queridinho paz do senhor” (Carta 10 NJ 18-11-1949)

Saudação de Z para N:

- (4) “Querida N a paz do senhor” (Carta 1 JN __-04-1949)

(5) “N a paz do senhor” (Carta 5 JN 27-07-1949)

(6) “N a paz do Senhor seja o teu espirito” (Carta 7 JN 07-08-1949)

Na saudação dos dois missivistas, o traço de proximidade e de afetividade fica notório no vocativo composto pelo adjetivo “querido” ou “querida”, algumas vezes no diminutivo, seguido do nome. O uso da expressão repetida “*a paz do senhor*” é um modo de dizer tradicional, ou uma fraseologia, que corresponde a um traço cultural-religioso presente em todas as cartas analisadas na abertura e no fechamento. Essa unidade fraseológica também é comum nas saudações orais, o que parece ser mais um traço da oralidade espontânea presente nas cartas de amor deste casal. Em seguida, encontram-se exemplos das despedidas:

Despedidas de N para J:

(7) **“Nada mais quem te ama.** | N. L. de P | [espaço] || Sim Z. (~~um~~) ler o salmo 105 del 1 a 5| **Mãe envia-te a paz do senhor**| e Vivi tambem. | [espaço] || N. (Carta 1 NJ 21-05-1949)

(8) **nada mais queridinho**|| Da tua esquecida que nunca se esquece de você| **aqui fica nas maiores**| **ausencia quem te ama**|| N. (Carta 8 NJ 29-09-1949)

(9) **Nada mas tua noiva que** | **tanto te estima** || N. || **Mamãe manda a paz** e v. | [espaço] e muitas lembranças (Carta 10 NJ 18-11-1949)

(10) **Nada mais quem tanto te ama** || N. L. P. || **Fim amôr** || <vire>sempre?|[fol. v4] **Mamãe envia a paz** | e V. || Z. eu passei uma semana em condado | fui ao um <↑ sitio> chupa manga eu A. e | D. e as suas irmãs | só faltou você eu mel lembrei tanto de você que quando ia falar com | D. só chamava | sei nome sua mãe | D. foi lá em casa e eu fiquei com as suas irmãs. **fim** || [espaço] **agora é fim mesmo** | Desculpe os erros e as letas (Carta 03 NJ-22-07-1949)

Despedidas de Z para N:

(11) **Vou termina e envio a paz a titia e a V.** e muitas | recordação ditou dos. [espaço] | N. eu ti peso que lembra ti di mi nas tuas oração. **Aqui eu fico nas**

maiores auzenciasdi til quem tanto amor. O teu futuro J. R. B. Não demora mi esqrever viu. (Carta 9 JN 27-08-1949)

- (12) **Vou termina ficando nas maiores auzencial di quem tanto ti amar** o teu noivo J. R. B. Não demore escrever, A mozinho (Carta 10 JN 05-10-1949)
- (13) ... **vou terminar** para não l ti enfada **envio a paz a tia i a V.** e toudasdi lar l e tambem muita recordação [*inint.*] diga a ela qui eu sempre mi lembro das nossal convessa. [*espaço*] **N. fico nas maiores auzencia tua quem l ti amar é teu fiel.** J. R. B. **Fim** (Carta 6 JN 06-08-1949)
- (14) Bem meu amor **aqui fica quem ti amal nas maiores auzenciaenvio a paz a tia xis e a V** E muitas recordação **fim Termino** J. R. B. Discupa os erro (Carta 4 JN 17-07-1949)

Nas cartas de N, o modo de dizer recorrente ou a tradição discursiva que marca o fechamento é “Nada mais quem tanto te ama”, já Z utiliza recorrentemente a construção “Vou terminar ficando nas maiores ausência”, com algumas variações. Nos exemplos de (9) a (16) ficam evidentes o “envio da paz” como um modo de dizer tradicional também nas despedidas; o espelhamento e a repetição de unidades fraseológicas usadas pelos interlocutores no contexto de fechamento têm a finalidade de confirmar o sentimento recíproco do casal, como ocorre em (10) e (15); o uso de marcas de fechamento como “Nada mais”, “Vou terminar”, “Aqui fico” e “Fim” sinaliza o desfecho. Nesse caso, o exemplo (12) é interessante porque N dá as pistas de conclusão, mas continua a carta, narrando mais um acontecimento. Como o ato de concluir não foi cumprido, ela finaliza a carta com o definitivo “fim” e escreve: “agora é fim mesmo”. São essas e outras marcas que conferem à carta o caráter interativo e cooperativo de uma conversa escrita. Desse modo, mantém uma representatividade comunicativa fortíssima para as pesquisas acerca da historicidade da língua e dos textos, pois conserva traços tradicionais em sua composição, como também traços de proximidade comunicativa. No tópico seguinte, será abordada a tradicionalidade temática.

3. Os temas e o linguajar dos apaixonados: “Felis é o coração que não conhece a palavra amor”

Sem o auxílio dos modos de comunicação digitais da atualidade, como o e-mail, o skype e o whatsapp, os casais apaixonados, na primeira metade do século XX, a exemplo dos jovens N e Z, mantinham contato, faziam planos, declaravam fidelidade e amor, discutiam a relação e trocavam fotos

por meio das cartas. Elas demoravam alguns dias para chegar, mas encurtavam a separação espacial do casal, e, mesmo não se configurando como uma interação face a face, a sua natureza constitutiva traz marcas linguístico-discursivas que as tornam uma conversa escrita.

Nas cartas de amor analisadas, as temáticas contidas no corpo do texto, ou *narratio*, retratam uma escrita tradicionalmente marcada pela emocionalidade do casal por meio de:

a) Demonstração de saudade

- (15) “A ver tua partida meu coração eml tristeza eu não podendo mais supor- l tar aquela auzencia que ia me traserl tantas saudades.” (Carta 2 NJ 04-07-1949)
- (16) “N. as saudade que vive a tacando a minha alma são grande porque as auzencia que eu sinto di ti so Deus sabe” (Carta 9 JN 27-08-1949)

b) Marcação de reencontros

- (17) “Fiquei muito alegre eml saber que tú vem passar são joão comigol manda-me dizer o dia porque se for po- l ssivel eu vou te esperar” (Carta 1 NJ 21-05-1949)
- (18) “N. eu estava pensano ir pra ir no sabado estaval fazendo força si eu fosse no sabadoso voltava nal segunda feira mais voce trabalhar u sabadotoudo e al segunda toudatambem sendo a sim e melhor eul ir no domingo mesmo com causo porque voultto nol mesmo dia não esta bem a sim: não e mau vontade” (Carta 9 JN 27-08-1949)

c) Elaboração de planos

- (19) “Sim queridal Tens fe em Deus que em Breve Diasl Ei de Contenpra tua linda face não é.” (Carta 2 JN 02-05-1949)
- (20) “Quizeres eu que tu mi amasse iguarmente seria eul um homem feliz si tu compreendes o meu amorl Um dia vamos viver em união ate quando Jesus vier” (Carta 5 JN 27-07-1949)

d) Pedidos de desculpas

- (21) “amorzinhol [fol. v2] pedindo que não repare minhal fraquesa pois isto é de quem amal e muinto?! quem ama sofre você deve saber! com é este sofrimentol Felis é o coração que não conhecel a palavra amôr.” (Carta 8 NJ 29-09-1949)
- (22) “Discupami as letras i os erros! Porque T pressa e muitas Pecima el Eu estou muitos Vexado.” (Carta 2 JN 02-05-1949)

e) Narração de acontecimentos cotidianos

- (23) “Z eu recebi sua carta no dia 2 sim Z eu fui al su terra condado no dia 28 eu passei a tarde lá eu e mais 5 irmãeso nume-lro do meu hino é 357 Z! mamãe fez canjica e pamonha eul me lembrei de você se não fosse tão longe eu tinha mandado um prato pra você” (Carta 2 NJ 04-07-1949)

f) Pedidos e cobranças

- (24) “na em [ilegível]! minha fotografia eu quero que você mande a sua como se não falta nada mais querido” (Carta 8 NJ 29-09-1949)
- (25) “Eu sei que você trabalha mas todo os dias eu espero por você porque você disse que ia fazer uma surpresa e eu todo dia espero” (Carta 09 NJ 20-10-1949)
- (26) “sim N. quando eu for a ir voser tem que me pagar porque eu escrevo pra vose e vose passa todo tempo pra responder ja está ficando ingrato para mim eu sei que voser trabalha mais não é possível que vose não tenha tempo de escrever ficar que passa tanto tempo pra responder minha carta não fique com raiva por causa deste cartão eu estou lhe avisando viu:” (Carta 7 JN 07-08-1949)

g) Declaração recíproca de amor

- (27) “Z. tenho pra lhe dizer em te escrever ao mesmo tempo me acho com grande dor em estar ausente de ti eu só nasci para te amar.” (Carta 3 NJ 22-07-1949)

- (28) “So eu posso amarti de longel Porque o amor que Ti consagrei So Deusl Sabe mais eu ti apresso em nome de Jesusl Se eu não ti esquece de mi porque si tul Mi desprezar a vida acabasepra mim” (Carta 2 JN 02-05-1949)

A emocionalidade como um dos parâmetros de proximidade comunicativa fica linguisticamente explícita nesses recortes por meio, por exemplo, das escolhas lexicais predominantemente pertencentes aos campos semânticos religioso e amoroso: Deus, Jesus, fé, coração, saudade, amor *etc.* Esse repertório corresponde exatamente ao contexto sócio-histórico e cultural do jovem casal e se manifesta na composição de uma tradição discursiva que favorece a espontaneidade pelo seu caráter de privacidade, de intimidade e de cooperação.

Por se tratar de uma tradição discursiva espontânea, as cartas de amor analisadas estão permeadas por traços da oralidade na escrita e esse fator acaba favorecendo também “a proximidade comunicativa no que diz respeito à privacidade, à familiaridade entre os interlocutores, à emocionalidade, à espontaneidade relativa e ao desenvolvimento temático livre” (GOMES, 2014b, p. 40). Esse desenvolvimento temático é construído com muitas marcas interativas conforme os exemplos abaixo:

- (29) “creio que estas palavrasl saem de um coração simcero e não fin-| gidonão e assim?” (Carta 1 NJ 21-05-1949)
- (30) “sim Z eu mandei está l ca[r]ta por N. porque võe recebe mais l depreça e é mais defise de se estraviarl ouviu?” (Carta 1 NJ 21-05-1949)
- (31) “Mas sei que a falta de tempol de escrever não é?” (Carta 3 NJ 22-07-1949)
- (32) “confio em jesus que ela vail ficar bôa ore por ela viu?” (Carta 6 NJ 02-09-1949)
- (33) “Sim N.voserl vai bem não é. O N. eu escrevi para vosesl Y voses não mi Respondeu porque não” (Carta 2 JN 02-05-1949)
- (34) “Sim N. espere por mi[m] na vesparal De São João si eu não chegar e porquel estou doente mais ora a Deus por mi[m] para que eu var já ouviu:” (Carta 03 JN 11-06-1949)
- (35) “fique com o coraçãol descansado que o seu pedido sera feito ficarei encarregado da oração viu:” (Carta 7 JN 07-08-1949)

O emprego de marcadores conversacionais como: “sim”, “não é assim”, “não é”, “ouviu”, “viu” é mais um fator que aproxima as cartas do casal da oralidade. Outra ocorrência que evidencia o

embrincamento entre oralidade e escrita é o vazamento fonológico da fala para a escrita, provocando as variações grafemáticas que se espalham nas cartas dos dois missivistas: cum (com); darti (dar-te); veis (vez); umilde (humilde); alegrimente (alegremente); discupa (desculpa); vocer, voser, vossier, voce, você (você) *etc.*

Um traço languageiro tradicional nas cartas de amor é a recorrência de expressões no diminutivo, que demonstram o carinho e a afetividade entre os interlocutores. Esse recurso estilístico aparece com diferentes propósitos e em diversas partes constitutivas da carta, como: no vocativo “amorzinho” (23), “queridinho” (26) ou na captação da benevolência “É, com o coração cheio das maiores alegria | Que venho por meio desta simples pala- | vra responder a tua cartinha” (Carta 1 NJ 21-05-1949).

Diante dos pontos aqui apresentados e em correlação com pesquisas anteriores (SILVA, J., 2002; SOUZA, 2012; GOMES; LOPES, 2014a, 2016; SILVA, A.; GOMES, 2017), constata-se que a temática, assim como o repertório linguístico, varia de acordo com o perfil dos escritores e o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores, pois são suas experiências de vida, o contexto histórico, cultural e social que norteiam os temas abordados nessas correspondências, assim como o modo como os temas são desenvolvidos. Diante das características temáticas e languageiras dessas cartas analisadas, deve-se considerar as “informações que ajudam a recompor o quadro social, histórico e linguístico de sua produção” (LONGHIN, 2014, p. 76) como partes que podem contribuir para o conhecimento da variação e da historicidade da língua e dos textos. Na próxima sessão será analisada a tradicionalidade das formas de tratamento do casal.

4. Os modos de dizer com *você* e *tu* na posição de sujeito: “... tu sabe quem amar sofre muito porque são grande as saudade...”

Um dos modos tradicionais de dizer das cartas de amor é o tipo de tratamento escolhido pelos interlocutores para interagirem em uma relação de simetria entre os apaixonados. Evidentemente consiste em um modo de tratamento cuja finalidade é a proximidade, a intimidade e a espontaneidade. No contexto da primeira metade do século XX, já com a instauração do *você* no quadro pronominal de segunda pessoa do português brasileiro (RUMEU, 2013), esse modo de dizer registra a competição entre *tu* e *você*. Pesquisas anteriores com cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX (GOMES; LOPES, 2014a, 2016; COSTA, E.; GOMES; SILVA, C., 2018; COSTA, E., 2019), incluindo o casal N e Z, têm demonstrado que há o predomínio do emprego de *você* na posição de sujeito em relação à variante *tu*. No conjunto dos três subgêneros analisados, a carta de amor foi a tradição discursiva mais favorável à ocorrência do *tu*. Mesmo assim, o emprego do *você* é superior.

Rumeu (2013) acredita que, entre os anos 20 e 30 do século XX, pode ser confirmado (ou não) como o momento de instauração do *você* no quadro pronominal de segunda pessoa do PB, iniciado em fins do século XIX e início do XX, com a gramaticalização do *você*. Partindo dessa perspectiva, interessa, neste tópico, a abordagem específica do comportamento do casal N e Z quanto ao emprego das variantes *tu* e *você* na posição de sujeito, considerando o seguinte perfil: uma situação de interação entre dois jovens noivos (ela com 14 anos e ele com 19 anos) no final dos anos 40 do século XX, com o Ensino Fundamental incompleto e residentes no Recife e na região metropolitana, portanto, um par socioculturalmente equivalente. A hipótese norteadora é que, com a instauração do *você* no início da primeira metade do século XX, a amostra de cartas de amor pernambucanas do final da primeira metade desse século pode revelar o avanço desse pronome na posição de sujeito, expresso de forma plena, confirmando, assim, a sua função pragmática de estabelecer a proximidade entre os interlocutores, equiparando-se ao *tu*, como também evidenciando a posição de sujeito como favorável para a sua inserção, conforme constatou Rumeu (2013).

Nos dois quadros seguintes foram registradas as ocorrências de *você* e *tu* na posição de sujeito nas cartas do casal e, nessa amostragem, foram consideradas, em cada carta, as ocorrências plenas (preenchimento da posição de sujeito) e nulas (não preenchimento da posição de sujeito), sem a inclusão do imperativo:

Quadro 3 - Você e tu nas cartas de Z para N.

CARTAS DE Z PARA N	VOCÊ	TU	TOTAL
Carta 1 - JN - _- 04-1949	1 (pleno)	1 (pleno)	2
Carta 2 - JN - 02-05-1949	2 (plenos)		2
Carta 3 - JN - 11-06-1949	3 (plenos)	1 (pleno)	4
Carta 4 - JN - 17-07-1949	2 (plenos)		2
Carta 5 - JN - 27-07-1949		4 (plenos)	4
Carta 6 - JN - 06-08-1949	5 (plenos)		5
Carta 7 - JN - 07-08-1949	7 (plenos)	1 (pleno)	8
Carta 8 - JN - 19-08-1949	2 (plenos) 2 (nulos)	4 (plenos) 2 (nulos)	10
Carta 9 - JN - 27-08-1949	4 (plenos)		4
Carta 10 - JN - 05-10-1949	10 (plenos) 1 (nulo)	1 (pleno)	12
TOTAL	39 /74%	14/26%	53/100%
	39/100% = 36/92% plenos e 3/8% nulos	14/100% = 12/86% plenos e 2/14% nulos)	

Fonte: Quadro produzido pela autora.

Quadro 4 - Você e tu nas cartas de N para Z.

CARTAS DE N PARA Z	VOCÊ	TU	TOTAL
Carta 1 NJ - 21- 05- 1949	2 (plenos)	1 (pleno) 1 (pleno) 1 (nulo)	5
Carta 2 NJ - 04-07-1949	1 (nulo)		1
Carta 3 NJ-22-07-1949	1 (pleno)		1
Carta 4 NJ-02-08-1949	3 (plenos) 1 (nulo)		4
Carta 5 NJ- 09-08-1949	4 (plenos) 1 (nulo)		5
Carta 6 NJ- 02-09-1949	9 (plenos) 1 (nulo)		10
Carta 7 NJ- 13-09-1949	2 (plenos) 1 (nulo)	1 (nulo)	4
Carta 8 NJ - 29-09-1949	7 (plenos)	2 (plenos) 4 (nulos)	13
Carta 9 NJ- 20-10-1949	6 (plenos) 2 (nulos)	4 (nulos)	12
Carta 10 NJ -18-11-1949	5 (plenos)		5
TOTAL	46/78% 46/100% = 39/85% plenos e 7/15% nulos	14/23% 14/100% = 4/29% plenos e 10/71% nulos	60/100%

Fonte: Quadro produzido pela autora.

Conforme os dados quadros 3 e 4, nas cartas dos dois missivistas, ocorre o predomínio do *você* na posição de sujeito. Nas cartas de Z, foram 39/74% ocorrências de *você* e 14/26% ocorrências de *tu*; nas cartas de N, foram 46/78% ocorrências de *você* e 14/23% ocorrências de *tu*. Nas cartas dos dois interlocutores, as duas formas variantes são utilizadas em alternância no mesmo contexto de simetria e informalidade, o que constata a instauração do *você* no contexto funcional do *tu*. A predominância do *você* é mais um indício de que o contexto de pronome sujeito favoreceu a inserção de *você* (RUMEU, 2013). Além disso, os dois missivistas produzem cartas com *você* exclusivo e, majoritariamente, com a mistura dos dois paradigmas, mas não há ocorrência do emprego de *tu* exclusivo. Esse dado é bastante significativo para comprovar como o *você* avança e ocupa mais espaço nesse contexto morfossintático em relação ao *tu*, considerando a amostra de cartas de amor de N e Z, ou seja, o repertório utilizado por dois jovens no final da década de 40 do século XX.

a) Você exclusivo:

- (38) “recebil sua cartinha no dia [...] deste mes todasl cartinhas que **você** tem escrito pra miml eu tenho recebido. Z. eul fiquei satisfeita em **você** dizer

quel nunca teve trabalho que enpatace | **você** escrever pra mim eu quero
 quel **você**continui sempre assim não é?” (Carta 5 NJ 09-08-1949)

- (39) “Sim N. **voser** | vai bem não é. O N. eu escrevi para voser | Y **voser** não mi
 Respondeu porque não” (Carta 2 JN 02-05-2019)

b) Mistura Tu-você:

- (40) Este teul cilenciomuinto me faz sofre pois **tu** sabe que o silencio para quem
 amal faz sofre muinto. pois nunca ameil a niguem como te amo pois **tu**
 pode compreemder nunca **passase** | tantos dias sem me escrever por | isto não
 soporto mais tantas | agonia as vesespenço que **estais** | doente ao mesmo
 tempo pençol que **estais** esquecido de mim mais | **você**ja me disse que não
 achal trabalho para enteronpervocêescrelver pra mim estou admiradal
 porque **você** não escrevei pra mim aindal você não avalia quanto estoul aflita
você é quem é tem o direito del escrever pra mim” (Carta 8 NJ 29-09-1949)
- (41) “... **tusabe** quem amar sofre muito porque são grande as saudadel o meu
 coração viver desasparado de saudade di ti embora **vosernaoreconeija** l e
 pense que e fingimento meu mais Deus saber, N. **voser** diz que eul estou
 muito silencioso e porque eu não puder escrever pra voser ainda...” (Carta 10
 JN 5-10-1949)

A variação de *tu* e *você* na mesma carta foi bastante frequente devido ao grau de escolaridade dos informantes. Por parte do casal, não há um monitoramento visando à norma prescrita pela gramática, que recomenda a exclusividade de uma das formas pronominais na posição de sujeito em cada carta. No caso do uso de *você* exclusivo ou das situações de mistura de *você* e *tu*, as motivações são de ordem pragmática, pelo reconhecimento de que essas duas opções de tratamento são similares em termos linguístico-discursivos, são permutáveis, são adequadas a esse tipo de interação e de tradição discursiva, portanto, são pertinentes e aceitáveis. A prova do uso pouco monitorado na escrita dos informantes é próprio de uma espontaneidade oralizada, perceptível também na ausência de concordância verbal no emprego do *tu*. Essas ocorrências são explicadas pela tendência à simplificação da desinência verbal, com o emprego de terceira pessoa do singular em quase todas as pessoas do discurso: eu escrevo; tu escreve; ele escreve; você escreve; nós escreve; vocês escreve, eles escreve. Seguindo o paradigma dessa norma, Z redige:

- (42) “... **tusabe** quem amar sofre muito porque são grande as saudadel o meu
 coração viver desasparado de saudade di ti embora **vosernaoreconeija** l e
 pense que e fingimento meu mais Deus saber, N. **voser**diz que eul estou
 muito silencioso e porque eu não puder escrever pra voser ainda...” (Carta 10
 JN 5-10-1949)

Analisando peças teatrais, Machado (2018) verificou que, com o aumento produtivo do *você*, no século XX, houve o igual aumento no uso de formas plenas. Essa afirmação também pode ser constatada nas cartas do casal N e Z, conforme os quadros 3 e 4. Nas cartas do noivo, das 39/100% ocorrências de *você*, 36/92% foram plenas e 3/8% nulas; das 14/100% ocorrências de *tu*, 12/86% foram plenas e 2/14% foram nulas. Nas cartas da noiva, das 46/100% ocorrências de *você*, 39/85% foram plenas e 7/15% nulas; das 14/100% ocorrências de *tu*, 4/29% foram plenas e 10/71% foram nulas.

Enquanto a posição de pronome-sujeito mostrou-se favorável ao emprego do *você*, Rumeu (2013) comenta que o pronome-complemento não-preposicionado *te* está entre os contextos de resistência de *tu*. No caso específico das cartas de amor de N e Z, as construções formulaicas ou as unidades fraseológicas “quem te ama” ou “que tanto te estima”, utilizadas na despedida, são modos tradicionais de dizer que mantêm, nessas cartas, a combinação de *você* predominante com o *te*, do paradigma do *tu*, no fechamento da carta.

- (43) “Z. der a paz a D. | **nada mais da quem te ama** || N. || [espaço] fim amôr.”
(Carta 2 nj 04-07-1949)
- (44) “vou terminar porquell a pena esta péssimall e esta [rasura] muitoll o papel estaborando. || a caligrafia estapecimall está mais do que é. || [espaço] **quem te ama** || [espaço] N. || [espaço] FIM” (Carta 5 NJ 09-08-1949)
- (45) “agora vou ficar sim mãel mãe e V manda a paz | **quem te ama sinceramentel** N. | Fim” (Carta 6 NJ 02-09-1949)
- (46) “Da tua esquecidal que nunca se esquecel de vocêl aqui fica nas maioresl ausencia**quem te ama** || N.” (Carta 8 NJ 29-09-1949)
- (47) “Nada mas tua noiva **quel tanto te estimall** N. || Mamãe manda a paz e v. | [espaço] e muintas lembranças” (Carta 10 NJ 18-11-1949)
- (48) “Fica eml auzencias**quem ti ama** | J.R.B. fim” (Carta 1 JN __-04-1949)
- (49) “Bem meu amor aqui fica **quem ti ama** | nas maiores auzencia envio a paz a tia e a V | E muitas recordação fim Termino J. R. B. Discupaos erro” (Carta 4 JN 17-07-1949)
- (50) “N. medita eml segundo Courintiosca 6 ate o ultimo aqui fica nasl maiores auzencia**quem ti ama**: J. B.” (Carta 5 JN 27-07-1949)
- (51) “N. fico nas maiores auzencia tua **queml ti amar** é teu fiel. J. R. B. Fim”
(Carta 6 JN 06-08-1949)

- (52) “Vou termina ficando nas maiores auzencial **diquem tanto ti amar**l o teu noivo J. R. B. Não demore escrever, A mozinho” (Carta 10 JN 05-10-1949)

Esse modo de dizer tradicional, que se repete nas despedidas dessas correspondências é, então, um dos motivos que justificam a ocorrência do clítico *te* e sua variação grafemática *ti* no registro de Z. Tal ocorrência evidencia a importância do estudo da natureza da tradição discursiva nas dimensões macro e micro para auxiliar a interpretação dos dados que dizem respeito à norma de uso da língua em um determinado período em correlação com a tradição discursiva selecionada para o ato comunicativo. Por se tratar de uma carta de amor, cuja essência é a espontaneidade escrita, como ficou evidenciado nos três tópicos deste artigo, a evocação de unidades fraseológicas constrói a ambientação de intimidade, e isso irá interferir na escolha das formas de tratamento mais adequadas ao propósito comunicativo que se quer atingir e à relação estabelecida entre os interlocutores.

Conclusão

Com o objetivo de abordar o conceito de tradição discursiva nas dimensões composicional, temática e dos modos de dizer, foi estabelecida a articulação dessas dimensões com o propósito comunicativo, com a relação de proximidade dos interlocutores e com o emprego das formas pronominais *tu* e *você* nas cartas de amor pernambucanas da primeira metade do século XX. Os dados apresentados e comentados evidenciaram traços de recorrência nas três dimensões: nos modos de dizer que compõem a macroestrutura organizacional, nos temas que constituem o *narratio* e no emprego das formas pronominais utilizadas pelo jovem casal pernambucano.

O presente artigo dá continuidade aos trabalhos anteriores baseados no modelo de Tradição Discursiva para tratar de temas relacionados à historicidade do texto e da língua (GOMES; LOPES, 2014a, 2016; SILVA, A.; GOMES, 2017; COSTA, E.; GOMES e SILVA, C., 2018; COSTA, E., 2019). Os trabalhos previamente realizados têm em comum o enfoque das formas pronominais dos paradigmas *tu* e *você* em diferentes contextos morfossintáticos em correlação com a tradição das cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX, nos subgêneros: cartas de família, de amigo e de amor. O diferencial do presente artigo em relação aos anteriores é a verticalização do olhar, analisando especificamente um par de informantes com perfil sociocultural equivalente.

O casal N (noiva) e Z (noivo) tem um perfil semelhante. São dois jovens, com o ensino fundamental incompleto e que trocam correspondências amorosas com efetivo êxito, retomando e mantendo os componentes tradicionais da carta, que são evocados por esse tipo comunicação, para atingir o propósito comunicativo pretendido. Pelas heranças socioculturais, eles demonstram domínio

da prática social de escrita de cartas de amor. Há, nesse caso, dois missivistas não-cultos do ponto de vista do nível de escolaridade, mas que alcançam efetivamente o intuito comunicativo em relação à expressão dos seus sentimentos por meio da carta de amor. Assim como a estrutura organizacional, os temas recorrentes nas cartas de amor configuram-se como uma TD, que, entre outras que compõem a rede, fazem parte da natureza desse subgênero.

O linguajar dos apaixonados é mesclado por variações grafemáticas, marcas de oralidade, emprego de diminutivos e uma seleção lexical carregada de emocionalidade. Esses traços linguístico-discursivos correspondem ao perfil sociocultural dos informantes e estabelecem a proximidade comunicativa, própria de uma conversa escrita, como se revelam as cartas analisadas.

A hipótese de que, com a instauração do *você* no início da primeira metade do século XX, as cartas de amor pernambucanas do final da primeira metade desse século poderia revelar o avanço desse pronome na posição de sujeito pleno, equiparando-se ao *tu* e evidenciar a posição de sujeito como favorável para a sua inserção, conforme constatou Rumeu (2013), foi constatada nas correspondências dos dois missivistas, com o predomínio do *você* na posição de sujeito em relação ao *tu*. Os dois jovens produziram cartas com *você* exclusivo e, majoritariamente, com a mistura dos dois pronomes de segunda pessoa, mas não há ocorrência do emprego de *tu* exclusivo. A amostra também revelou o emprego significativo de formas plenas em relação às nulas. Esses dados corroboram com pesquisas anteriores (RUMEU, 2013; MACHADO, 2018) acerca do avanço do *você* como pronome-sujeito, permutando com o *tu* na primeira metade do século XX e, conseqüentemente, contribuindo com a predominância das formas plenas.

Espera-se que esta discussão com base na amostra de cartas de amor de N e Z, considerando os dois filtros: o repertório linguístico-discursivo e as tradições discursivas, utilizados pelos dois jovens noivos, no final da década de 40 do século XX, possa contribuir com os estudos anteriormente realizados e criar oportunidades para outros diálogos possíveis.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina. Tradições discursivas: reflexões conceituais. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina (Coord.). **História do português brasileiro**: Tradições discursivas do português brasileiro: Constituição e mudança dos gêneros discursivos. v.7. São Paulo: Contexto, 2018.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. *In*: SEBEEK, Thomas Albert (Ed.). **Style in Language**. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253–276. Disponível em: https://www.ehu.eus/seg/_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. Tradução de Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2014.
- COSTA, Alessandra C. de. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. *In*: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: Análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal RN: EDUFRRN, 2012.
- COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante da. **Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX**: o comportamento das formas de tratamento tu e você na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante da; GOMES, Valéria Severina; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. Variação e tradição: uma análise do Tu e Você na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860–1989). *In*: **LaborHistórico**. Dossiê temático Tradições discursivas: faces e interfaces da historicidade da língua e do texto. v. 4, n. 1, 2018, p. 55–71. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17490>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- GOMES, Valéria Severina; LOPES, Célia Regina dos Santos. Formas treatmentais em cartas escritas em Pernambuco (1869–1969): tradição discursiva e sociopragmática. *In*: **Revista de Estudos da Linguagem**. v.24, p.157 – 189, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6299>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- GOMES, Valéria Severina; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. *In*: **Revista do GELNE**. v.16, p.1 – 15, 2014a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11626>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

- GOMES, Valéria Severina. **Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)**. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014b.
- KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, Tânia *et al.* (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006.
- KABATEK, Johannes. Tradição discursiva e gênero. *In*: LOBO, Tânia *et al.* (Org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, 579-588.
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez–linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D’Água**, n. 26, p. 153-174, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Oralidad e escrituralidad a luz de la Teoría del Lenguaje. *In*: KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf (Ed.) **Lengua hablada em la Romania**: español, francés, italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007, p. 20-47.
- LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. **Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A história da família Ottoni nas linhas e entrelinhas. *In*: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). **A Norma Brasileira em Construção: Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005, p. 15-21.
- MACHADO, Ana Carolina. As formas de tratamento no teatro do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX. *In*: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60 n. 3 p. 647-668 – set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8651428/18801>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- RUMEU, Márcia C. B. **Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SILVA, Aldeir Gomes da; GOMES, Valéria Severina. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas da primeira metade do século XX *In*: **Gelne 40 anos: Experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2017, p. 207-229.
- SILVA, Jane Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em:

http://www.letas.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/UM%20estudo%20sobre%20o%20g%C3%AAnero%20carta%20pessoal%20de%20JANE%20QUINTILIANO.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2019.

SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:
<http://www.laborhistorico.letas.ufjf.br/Mestrado/SouzaJPF.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

XIMENES, Expedito Eloísio. **Fraseologias jurídicas: estudo filológico e linguístico do período colonial**. Curitiba: Appris, 2013.